Das musas e dos museus como fontes

I

A segunda!

Pela segunda vez estamos aqui para celebrar o cumprimento do nosso dever de ofício. Estamos aqui para apresentar o número 2 de *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Talvez seja desnecessário dizer que a construção de *Musas* não é um esforço solitário; não é o esforço de algumas pessoas que, acomodadas em seus confortáveis gabinetes de trabalho, de uma hora para outra, resolvem fazer uma revista.

II

As musas, de algum modo, se revelam e velam pelas relações entre o sensível e o inteligível, pelas relações entre o concreto e o abstrato, entre o visível e o invisível, entre o científico e o poético, entre o tangível e o intangível, entre a herança do pai e a herança da mãe. Para além das heranças, influências e interferências de pais e de mães, de avós e avôs, registram-se as possibilidades de construções de memórias e de patrimônios entre irmãos e amigos, construções que não desprezam o passado, mas que tampouco incorporam o desejo de exercício de um poder hierárquico do passado sobre o presente e o futuro. É dentro dessas relações reveladas e veladas pelas musas irmãs que estão plantadas as sementes do agora e da ágora, bem como as sementes das amizades e dos amores.

III

Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia nasceu de uma idéia que captou um anseio. Anseio e idéia que, surgidos do campo museal, davam conta da falta e da necessidade de um periódico que fosse feito pela e dirigido para a comunidade desse campo. A comprovação da existência do anseio e do acertado da idéia e de sua materialização pode ser avaliada pela ampla aceitação que o primeiro número da revista *Musas* teve entre os profissionais, professores, pesquisadores, estudantes e demais praticantes do campo museal.

IV

Fazer *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia* não é uma tarefa que se possa enquadrar de modo ligeiro na categoria dos projetos fáceis ou dos projetos difíceis. A revista nasceu com uma marca própria e foi submetida à crítica de um público altamente especializado e exigente. A boa acolhida do público foi compreendida como um sinal de que devemos ir em frente. Mas, para ir em frente, é indispensável continuar contando com a colaboração de instituições e de pessoas. De instituições que possibilitam a viabilização do projeto e, sobretudo, de pessoas que nele acreditam e investem, de pessoas que submetem

textos para análise, de pessoas que analisam e revisam textos, de pessoas que diagramam, produzem, organizam e distribuem a revista, de pessoas que lêem e dialogam com os textos publicados.

V

Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia, feita e dirigida por especialistas, quer apresentar temas de interesse, mas não quer se ater ao convencional. Os museus, de nenhum modo, limitam-se ao mundo dos textos científicos, eles também são arte e memória, criação e lembrança, cientificidade e sensibilidade. Por esse motivo, além dos textos de caráter científico, o presente número de *Musas* traz um sugestivo ensaio fotográfico sobre o público jovem nos museus e apresenta um expressivo conjunto de artigos que tratam do turismo, do lazer e do prazer nos museus; das relações raciais e de gênero nas instituições museais; das ações afirmativas de caráter museológico num museu universitário; das ações educativas e das pesquisas de público; dos projetos de acessibilidade e de inclusão social; das políticas públicas de cultura e dos sistemas de museus; das relações entre arte, natureza e cidade num museu do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; do tratamento da informação em museus de arte e do processo de musealização no quadro da cultura contemporânea. São esses alguns dos temas que serão encontrados pelo leitor que se aventure pelos mares de *Musas*.



FELIPE VARANDA

VI

Em seu segundo número, *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia* consolida a seção que foi concebida para possibilitar ao público conhecimento mais detalhado de algumas instituições museológicas e para colocar em

destaque a diversidade museal brasileira. Estamos falando da seção denominada Museu Visitado, que, desta vez, cuidou de registrar o Museu Paraense Emílio Goeldi, instituição mais do que centenária, situada na bela cidade de Belém do Pará. Outra seção consolidada e ampliada é Museulânea, aberta a contribuições variadas de interesse imediato, além de resenhas, notícias sobre práticas e ferramentas profissionais, críticas de exposições, contos, poemas e outras formas de manifestação cultural.

VII

As musas e os museus, de algum modo, são fontes e pontes. São fontes de inspiração, fontes de juventude e pontes entre cosmos distintos ou mesmo pontes dentro de um mesmo cosmo, neste caso, entre distintos elementos pertencentes ao mesmo cosmo.

Mas como podemos conceber os museus como fontes de juventude se eles operam com coisas velhas, se eles lidam sempre com o já-feito e o já-realizado?

É certo – e bem certo – que os museus lidam com o já-feito e o já-realizado e, nesse sentido, é certo dizer que eles operam com coisas velhas; todavia importa compreender que o velho com que o museu lida continua tendo existência agora e que neste agora o novo pode se instalar de modo surpreendente e imprevisível. O novo não mora na coisa, no documento, no objeto ou no museu; o novo mora no olhar, na relação que podemos manter com coisas, documentos, objetos e museus.

VIII

A segunda!

Nossa revista chega ao seu segundo número com identidade consolidada e com a expectativa de contar, outra vez, com o entusiasmo do público. Nós, organizadores e editores, desejamos que nossos leitores gostem de *Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia* tanto ou ainda mais do que nós gostamos. E fazemos votos de que muitos leitores gostem tanto que, para o número três, sintam-se dispostos a contribuir com comentários, críticas, sugestões e textos.

Musas – Revista Brasileira de Museus e Museologia é como o campo museal: uma obra coletiva e em processo.

José Neves Bittencourt e
Mário Chagas
Editores de *Musas*